

Resenha do capítulo “As diversas fases da ‘Escola dos Annales’: Continuidade ou descontinuidade?” (REIS, 2000)

Review of the chapter "The various phases of the 'School of Annales': Continuity or discontinuity?" (REIS, 2000)

Edivaldo Rafael de Souza

Graduando do 6º período de História pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: edivaldorafael007@gmail.com

REIS, José Carlos. As diversas fases da “Escola dos Annales”: Continuidade ou descontinuidade? In: REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e terra, 2000, 200 p.

O professor José Carlos Reis, graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), mestre (1989) e doutor (1992) em Filosofia pela Université Catholique de Louvain e pós-doutor pela École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris, 1996/1997), pela Université Catholique de Louvain (Bélgica, 2007/2008) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014/2015), é o autor do livro *Escola dos Annales: a inovação em História* que é composto de seis capítulos, sendo analisado, nesta apreciação, o quarto deles, intitulado “As diversas fases da ‘Escola dos Annales’: Continuidade ou descontinuidade?”. Nessa parte do livro, ele procura analisar e compreender as fases da Escola dos Annales, movimento que surgiu na França, no ano de 1929, tendo como líderes Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944).

Um dos principais objetivos dos Annales era a contraposição às escolas históricas positivistas, representadas, principalmente, pela Escola Historicista Alemã e pela Escola Metódica Francesa. As novas perspectivas historiográficas acabaram renovando a escrita da história, incorporando novas metodologias, novas fontes e novos temas para a pesquisa histórica, o que é creditado, principalmente, ao diálogo fecundo entre a História e as outras áreas das humanidades.

Reis começa discutindo sobre a primeira fase do movimento, datada de 1929 a 1946. Em primeiro momento dessa fase, os principais nomes articulados foram os dos próprios fundadores: Lucien Febvre e Marc Bloch. Juntos, eles fundaram a revista *Annales d’histoire économique et sociale*. De acordo com o autor do texto, foi possível questionar a história tradicional, que era utilizada como referência por parte dos pesquisadores. Assim, os fundadores estavam “apresentando o projeto de uma Nouvelle Histoire para contrastar essa fase do movimento com suas fases posteriores” (p. 93). Uma das principais contribuições da primeira fase da Escola dos Annales foi a nova forma de compreensão do tempo histórico, de maneira que, “em suas obras

históricas e teóricas, eles introduziram o permanente, o duradouro, recusando a história como o conhecimento exclusivamente da mudança” (p. 94).

O estabelecimento de ciclos históricos também foi definições que a revista francesa trouxe para a área da História. Além disso, dialogando com a área da Geografia, foi possível a criação de uma Geo – história. Dessa forma, permitiu-se abrir novos diálogos sobre as “[...] relações entre os homens e a natureza” (p. 94). Reis, no decorrer do texto, utiliza-se de uma citação de Jacques Le Goff (1924-2014) para descrever as principais motivações de Febvre e Bloch: a primeira delas é a interdisciplinaridade, a segunda é a utilização de novos temas para pesquisa e a terceira é a oposição à história política tradicional que, naquele período, segundo Le Goff, mascarava aquilo que realmente deveria ser retratado.

Em segundo momento, em seu estudo, Reis articula sobre a Segunda Fase dos Annales (1946-1968), destacado o novo título da revista, a saber, *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*. A partir daí, o autor descreve que as publicações passaram a ser, principalmente, sobre o viés econômico e demográfico. Outro fator a ser destacado em suas análises trata da internacionalização do movimento; “seus métodos se difundiram pelos países mediterrâneos, na Península Ibérica, na América Latina, nos EUA, em alguns países socialistas. Só os alemães e soviéticos resistiram” (p. 103). Nesse contexto, as ciências sociais e a economia foram utilizadas para uma análise centrada nas situações em que a sociedade se encontrava.

Fernand Braudel (1902-1985), ao estruturar a definição de tempo, conseguiu fazer com que outros membros do movimento resistissem às ideias estruturalistas, porém, o seu conceito da história de “longa duração”, posteriormente, viria a ser questionado. A história econômica e o quantitativismo também estavam em alta durante a segunda fase dos Annales. Todavia, a história social resistia, principalmente, na figura de Albert Soboul (1914-1982), que tentava a separação entre história econômica e história social, ainda que defendendo a ideia de que uma poderia complementar a outra.

Posteriormente, observa-se, no trabalho do autor, a análise e a discussão a respeito da terceira fase da Escola dos Annales. A partir desse período, Braudel contará com novos historiadores como Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie (1929), Marc Ferro (1924), Pierre Nora (1931), entre outros. A Nouvelle Histoire continua estimulando as pesquisas e os debates em torno da História, propagando uma sensação de desfragmentação intelectual por parte dos pesquisadores, pois não há uma centralidade de controle por parte de alguém. Nesse sentido, todos que pudessem contribuir eram considerados necessários e indispensáveis à história, ainda que alguns autores fossem formados em outras áreas das ciências humanas e das ciências sociais.

Por meio de movimentos como o estudantil de 1968, os Annales modificaram ainda mais a pesquisa histórica, passando a atuar, cada vez mais, em acordo com outras áreas. Nessas novas atuações, “a história se associou a novas disciplinas: psicanálise, antropologia, linguística, literatura, semiótica, mitologia comparada, climatologia, paleobotânica” (p. 113), atuações essas em que “novas técnicas são utilizadas pelo historiador: computadores, dendrocronologia, carbono 14, análises matemáticas, modelos” (p. 113). Nesse sentido, segundo Reis, “a História Cultural ganhou o lugar da história econômico-social” (p. 113).

Observa-se, conseqüentemente, o surgimento da história em migalhas, que visava uma escrita histórica sem a presença dos grandes nomes. A partir dessa concepção, foi possível o estudo de um tema geral, partindo da experiência e da vivência de um “indivíduo comum”. Para tanto, verifica-se a necessidade de várias abordagens e de fontes que interligam o sujeito ao acontecimento histórico. Um grande exemplo dessa escrita é o livro *O queijo e os Vermes* do historiador italiano Carlo Ginzburg (1939). Na sua obra, o autor relata a vida de um moleiro no interior da Itália; seu apelido era Menocchio. No livro, o personagem acaba sendo julgado pelo tribunal da Santa Inquisição por difamar a Igreja Católica, sendo considerado um herege. Os documentos de tal julgamento norteiam, assim, a pesquisa do historiador.

De acordo com o capítulo em foco, há, ainda, lacunas que o historiador deve analisar, visto que, pela descontinuidade em relação aos temas, estes não seguem uma cronologia plena. Dessa forma, de acordo com Reis, “o ‘todo’ é inacessível e só pode abordar a realidade social por partes, conceitualmente e sem juízos de valor” (p. 114). Correlacionado a isso, o papel da pesquisa não é mais explicar a realidade, mas utilizar de uma parte dela para delimitar um recorte espacial e temporal.

Em continuidade sobre a pesquisa histórica desenhada no dito estudo, cabe citar o historiador Emanuel Le Roy Ladurie, que afirmava que a tecnologia seria indispensável para o historiador. Além disso, ele defendia que, se a Escola dos Annales não começasse a utilizar a informática, estaria correndo um risco de ser ultrapassada pela historiografia americana. Há que se fazer menção, também, sobre a *História do Clima*, que trouxe uma importante e polêmica abordagem para a Escola dos Annales, considerando que Le Roy Ladurie se referia à história sem os homens, ou seja, seria analisada a natureza sem a intervenção humana. A partir daí, ele analisa florestas seculares, ou até mesmo a fenologia, fazendo estudos da glaciologia e da meteorologia. Alguns historiadores questionam sobre o método utilizado para essas pesquisas e sobre a previsão que Le Roy Ladurie almejava. Assim, Reis sugere que “ele quis levar a intuição original dos Annales às últimas conseqüências e, parece-nos, chega ao pecado mortal do exagero” (p. 118).

Durante essa fase, surgiram novas obras, como a *Faire l’ Histoire*, de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Essa obra foi dividida em três volumes, a saber, “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. Segundo Reis, “os historiadores tomaram consciência do caráter relativo do conhecimento histórico e procuram interrogar-se sobre os fundamentos epistemológicos de sua disciplina” (p. 119). O historiador Paul Veyne (1930) também publica na *Faire l’ Histoire*, enaltecendo que a história ainda não poderia ser considerada como um conhecimento científico, mas que atingiria um rigor, utilizando-se da teorização weberiana. Dessa forma, para ele, poderiam ser utilizadas mais análises e menos narração na pesquisa histórica.

Outro importante autor da *Nouvelle Histoire* é Michel Foucault (1926-1984), escrevendo importantes obras e abrindo ainda mais o leque de possibilidades em relação à pesquisa histórica. Foucault influenciou outros grandes pensadores por meio de novos conceitos e de novos pensamentos em relação à historiografia dita tradicional. A “teoria da descontinuidade”, elaborada por Foucault, contudo, é contestada por alguns estudiosos, por ser interpretada como uma “traição” ao que pensavam os fundadores da Escola dos Annales: a história, para muitos deles, não poderia ser

considerada história caso não fosse linear. No entanto, Foucault tornou-se um dos maiores pensadores dessa época, sendo utilizado em pesquisas de cunho interdisciplinar. Em relação à Escola dos Annales, é possível perceber que ela conseguiu manter-se sólida e enraizada nas instituições de pesquisa e ensino da França. De acordo com Reis, “as coleções mais importantes de história das editoras mais poderosas são controladas pelos Annales” (p. 126).

Na última parte desse capítulo, o debate central gira em torno dos anos que sucederam a terceira geração dos Annales, ou seja, a partir de 1989. Durante esse período, os integrantes da Escola dos Annales fazem uma análise sobre o que havia ocorrido anteriormente. O autor do livro chama a atenção para uma possível “crise da interdisciplinaridade”. Nesse sentido, ele informa que os membros do movimento debateram duas questões primordiais: a primeira delas foi a ideia de se repensar sobre a escrita da história e a segunda foi a ideia de refletir sobre as diferentes alianças que haviam ocorrido com o decorrer dos anos. Dessa forma, a Nouvelle Histoire trouxe, como definição, uma mudança de paradigma em relação às pesquisas historiográficas, afastando-se das ciências sociais, do estruturalismo e do funcionalismo. A partir daí, a sociedade deveria ser entendida por parte dos historiadores como sendo “uma multiplicidade de consciências em interação, uma pluralidade de sujeitos produtores de ‘jogadas’, de ‘eventos’, que só poderiam ser apreendidos pela ‘narração’” (p. 129). A renovação deveria ser centrada a partir do “surgimento de um ‘novo concreto’: novos problemas, novas abordagens, novos objetos, novos nomes, novas instituições” (p. 129). Reis cita vários autores da nova fase da escrita da história, entre eles, Roger Chartier (1945), Paul Ricoeur (1913-2005) e Eric Hobsbawm (1917-2012).

Nesse capítulo do livro, portanto, as fases da Escola dos Annales ficam bem delimitadas e explicadas, já que, entre outras especificidades, o autor aponta exemplos de como funcionava a escrita dos historiadores do movimento em discussão. Assim, pode-se recomendar a leitura do livro e, principalmente, a leitura do capítulo em foco para estudantes e para pessoas já graduadas na área da História, já que esta não se mostra uma leitura difícil, ao contrário, é esclarecedora e estimulante.

Referências

JOSÉ CARLOS REIS. Currículo Lattes. Disponível em:
<<http://lattes.cnpq.br/0668531706514549>>. Acesso em: 10 out. 2017.

REIS, José Carlos. As diversas fases da “Escola dos Annales”: Continuidade ou descontinuidade? IN: REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e terra, 2000.